



Revista  
de Psicologia

ISSN 2179-1740

## A DIFUSÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E AS NOVAS EXPRESSÕES DO EU

*THE SPREAD OF DIGITAL SOCIAL NETWORKS AND THE NEW  
EXPRESSIONS OF THE SELF*

Idilva Maria Pires Germano<sup>1</sup>

Maria Camila Gabriele Moura Nogueira<sup>2</sup>

### Resumo

As mudanças sociais e tecnológicas trazidas pela internet e pela difusão, cada vez mais abrangente, das redes sociais digitais inauguraram novos fenômenos narrativos, cujas proporções se irradiam e estabelecem novos padrões discursivos. O presente trabalho tem por escopo a análise das novas formas de narração de si na denominada Era Digital, apresentando o surgimento e evolução dessas novas narrativas e situando-as no presente momento histórico, fortemente marcado por uma nova lógica de consumo, informação e comunicação. Além disso, buscou-se, por meio do estudo, mapear a natureza destas narrativas enquanto relatos autobiográficos, trazendo à tona, além dos contornos da figura do narrador e do objeto narrado, a problematização da superexposição espontânea da imagem do indivíduo nas redes sociais. Por fim, intenta-se discutir acerca dos possíveis limites de tal superexposição, cuja delimitação ainda se encontra em processo de construção, diante das questões éticas que começam a ser levantadas e discutidas.

**Palavras-chave:** Práticas narrativas; Era digital; Autobiografia; Sites de redes sociais.

### Abstract

The social and technological changes brought by the internet and the increasingly wide dissemination of social networks introduced new narrative phenomena, whose proportions radiate and establish a new discursive pattern. The present work has the scope of analysis about the new way of narrating itself in the so-called Digital Age, demonstrating the emergence and evolution of these new narratives and situating them in the present historical moment, strongly marked by a new logic of consumption, information and communication. In addition, the study sought to map the nature of these narratives as autobiographical reports, bringing to the surface, beyond the contours of the narrator and the narrated object, the problematization of spontaneous overexposure of the individual's image in social networks. Finally, we try to discuss the possible limits of such overexposure, whose delimitation is still in the process of construction, before which ethical issues begin to be raised and discussed.

**Keywords:** Narrative practices; Digital age; Autobiographical accounts; Social networks.

<sup>1</sup> Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: idilvapg@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: mouramariacamila@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A apresentação do tema e do objeto que aqui será discutido se configura como ensaio teórico, por meio do qual, a partir de pesquisa bibliográfica, buscou-se promover a análise crítica do tema em questão. Desta forma, a discussão traçada imerge no atual contexto histórico, tentando esgrimir de que maneira a premente efusão das redes sociais influenciou e continua influenciando o surgimento de novas formas de narrar a si.

Neste contexto, mediante a justaposição da inteligência defendida por diversos autores, anteriores e posteriores ao surgimento das redes sociais virtuais, bem como por meio da análise da evolução histórica capitalismo e do consumo no século XX, alicerçamos abordagem crítica, no intuito de identificar as nuances que ensejaram as novas expressões do eu na contemporaneidade, alcinhada de Era Digital, profundamente marcada pela interação quase que ininterrupta e essencialmente performática por parte dos usuários.

Diante disso, resta importante evidenciar que a tomada de consciência de nossa condição histórica é fundamental para uma melhor compreensão da sociedade contemporânea e dos fenômenos aí locados. A Sociologia, a Psicologia, assim como outras áreas das Ciências Humanas não cessam de apontar que nós não existimos enquanto essência imutável, mas somos constituídos no devir das relações com os nossos semelhantes e com o mundo em nosso entorno. A maneira de o ser humano se portar e pensar é enraizada e constituída em estreita relação com o corpo social que integra. Nós somos o que somos a partir de uma “negociação” com a sociedade, a qual “não só patrocina os elementos identitários como controla e vigia com rigor o uso que fazemos deles” (Barros & Karnal, 2016, p.51).

O uso em massa das novas tecnologias de comunicação nos aponta que a sociedade se encontra em plena via de transição para um novo período histórico, o da chamada Era Digital. Juntamente com esta nova etapa da sociedade, surgem outras experiências, comportamentos e configurações de vida. É crucial, portanto, frisar que os diversos modos de ser são construções sociais e possuem relação direta com o período histórico em que se encontram.

As instituições, valores e condutas de indivíduos e coletividades são construídos ao longo dos séculos, a depender das contingências econômicas, sociais, políticas – e tecnológicas – de cada época. Assim, a análise das narrativas ganha novos contornos no âmbito das mudanças sociais e tecnológicas trazidas pela internet e pela difusão, cada vez mais abrangente, das

redes sociais. Eclodem deste cenário novas formas de relatos autobiográficos, de cunho alterdirigido, cuja análise permeia a discussão de como esse “eu”, de caráter performático, se apresenta num panorama de constante superexposição pública, sempre direcionado ao olhar do outro.

## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO: AS BASES HISTÓRICAS QUE ORIGINARAM AS NARRATIVAS A SI NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS.

A compreensão de qualquer fenômeno da atualidade depende, em parte, do entendimento e conhecimento acerca do período que o antecede. Resta imperioso, portanto, situar historicamente o tema de discussão, contextualizando os elementos socioculturais precedentes, uma vez que estes influenciaram transformações na maneira de pensar e agir do sujeito contemporâneo (Severiano & Etramiana, 2006).

Severiano (2001) nos aponta que o capitalismo do século XIX, o chamado capitalismo de produção, teve como meta expandir o próprio aparato industrial. Não havia grande ênfase no ato de consumir; na verdade, as pessoas consumiam somente o necessário. Consta-se, neste período, a prioridade da produção sobre o consumo, o que posteriormente geraria uma crise de superprodução, acarretando, assim, a necessidade de expansão do mercado consumidor, possibilitando uma nova estrutura, a do chamado “consumo em massa”. Assim, na sociedade contemporânea, a ideia de povo vai perdendo força e outras figuras emergem, como a do consumidor, e este “passa a ser, ele mesmo, um produto à venda” (Sibilia, 2015, p.35)

Lipovetsky (2005) indica que, a partir do século XX, mais especificamente na década de 1920, este consumo em massa, situado principalmente nos Estados Unidos, possibilitou a grande revolução cultural e social, eclipsando, assim, a idade moderna e se anunciando uma nova estrutura de sociedade.

Após as Grandes Guerras, emerge uma segunda fase do capitalismo, onde há mais dinheiro disponível e mais possibilidades de consumo. Foi então a partir da década de 1950 que as sociedades americanas e europeias se tornaram “fortemente presas ao culto do consumismo, do ócio e do prazer” (Lipovetsky, 2005, p. 64), o que configurou uma nova maneira de ser e estar no mundo. Nesta fase, portanto, nascia uma nova sociedade, que se configurou como “a do triunfo do consumidor passivo hipnotizado pela mercadoria: o que Guy Debord chamava de ‘sociedade do espetáculo’.” (Lipovetsky, 2015, p. 372).

Foi na década de 1960, mais especificamente no

ano de 1967, que Guy Debord lançou o livro *La Société du Spectacle - A Sociedade do Espetáculo*, um ensaio político que possui como tese central o triunfo do capitalismo na sociedade industrial moderna, de tal modo que

a classe operária foi (pelo menos temporariamente) derrotada, a alienação – ilusão da mentira convertida em verdade – monopolizou a vida social, transformando-a numa representação em que tudo o que é espontâneo, autêntico e genuíno – a verdade do humano – foi substituído pelo artificial e pelo falso. Nesse mundo, as coisas – mercadorias – passaram a ser os verdadeiros donos da vida. (Llosa, 2013, p. 21)

Debord aponta então que o homem, fruto do capitalismo, cria necessidades a fim de manter o mercado sempre em expansão. É nesse contexto de alargamento mercadológico e de surgimento de uma nova maneira de ser que o entretenimento, através da popularização da TV, toma lugar central na sociedade.

Já a partir da década de 1980, com o consumo intenso de bens e serviços, há a manifestação embrionária daquilo que vai ser chamado de sociedade “pós-moderna”, na qual o consumo adota um padrão ético e ideológico pautado pelo individualismo. Segundo Severiano (2001), a pós-modernidade caracteriza-se por seus integrantes serem inquietos, dinâmicos e personalizados. Os sujeitos não se identificam mais pela busca do bem comum, mas por sua própria e única realização. Abre-se espaço para o apreço à diversidade e à pluralidade, configurando novos sujeitos, com traços marcadamente individualistas e com o anseio de “ser único”. Para suprir essa nova personalidade, os anos 80 trouxeram como uma de suas grandes estratégias a criação do “produto personalizado”.

A pós-modernidade traz consigo uma ruptura com as ‘verdades universais’ e com os ‘princípios gerais’, o que conduziria um retorno do homem a si mesmo, possibilitando assim o surgimento de uma personalidade narcisista, que atenta primordialmente a seu bem-estar pessoal, satisfação e interesses, possuindo o ato de consumir como caminho condutor a tão buscada satisfação. O homem deste período pode ser caracterizado, então, como um ser egocêntrico e hedonista, que prioriza o presente e negligencia tanto quanto possível o passado e futuro (Severiano & Estramiana, 2006). Eclodiu, assim, uma sociedade na qual “o ‘é preciso ser absolutamente moderno’ foi substituído pela palavra de ordem pós-moderna e narcísica ‘é preciso ser absolutamente si mesmo’” (Lipovetsky, 2005, p. 101).

Em seu livro datado de 1983, *A Era do Vazio*, Gilles Lipovetsky traz como uma das características da sociedade pós-moderna a tendência de seus integrantes de consumir cada vez mais e de serem cada vez mais individualistas. Segundo o autor, o homem pós-moderno a tudo se adapta e não acredita mais em verdades universais. Constata-se um vazio de certezas, sendo cada vez mais rápidas as modificações na sociedade e no pensamento do homem.

O autor relata que na década de 1980 contraditoriamente “o indivíduo quer ser só, sempre e cada vez mais só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só” (Lipovetsky, 2005, p. 30). Tal afirmação nos dá indícios de uma conduta recorrente na sociedade atual: a da constante necessidade do sujeito estar sempre se comunicando, sempre conectado, ao mesmo tempo que se isola do mundo externo por trás de uma tela, seja de celular ou de computador.

É este o cenário que antecede o período ao que vivenciamos hoje, ao qual são atribuídas diferentes nomenclaturas a depender do autor. Por exemplo, Lipovetsky adota o termo hipermodernidade, enquanto Bauman nos trará o conceito de Modernidade Líquida; outros falarão ainda de pós modernidade e outros de Era da Web, Era Digital etc. Independente da terminologia utilizada para descrever a sociedade atual, é de comum acordo entre os mais diversos autores que esta se pauta em uma nova lógica de consumo, informação e comunicação.

Outra característica do sujeito atual que se destaca na pós-modernidade é seu narcisismo, que inicia no individualismo exacerbado cultuado a partir da década de 80 e transforma-se em um neonarcisismo, em que os sujeitos se amam através do olhar do outro, um novo narciso que se constitui ao se mostrar e se exibir aos olhares externos. Os olhares dos outros que mostram a esse novo narciso quão admirável ele é. Para este novo sujeito “a busca da riqueza não tem qualquer outro objetivo a não ser excitar admiração ou inveja”. (Lipovetsky, 2005, p. 48), o que denota a necessidade extrema desse indivíduo de estar sempre em interação com os outros, a fim de que estes validem ou não suas ações. O neonarciso se evidencia em nossos dias e se manifesta através da lógica de postar fotos a fim de receber ‘likes’, tornando a fotografia não mais valiosa pela lembrança a que remete, mas pela quantidade de ‘curtidas’ que recebe.

Diante desta conjuntura, as narrativas produzidas nas redes sociais ganham novos contornos e características, introduzindo – ante a transitoriedade cada vez mais célere das mudanças tecnológicas – novas discussões éticas em torno destes novos relatos que, não raro, promovem a superexposição da vida

privada.

## AS PRÁTICAS NARRATIVAS: DOS NARRADORES BENJAMINIANOS AOS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS ATUAIS.

Compreender a natureza dos relatos produzidos nos sites de redes sociais implica diferenciá-los em que medida essa narrativa diverge das tradicionais. Para tanto, é inevitável nos remetermos ao texto canônico do filósofo e sociólogo Walter Benjamin, *O Narrador*, de 1936.

Segundo Benjamin (1994), a narrativa oral é fundada no intercâmbio de experiências e é a partir destas trocas que elas nascem. A experiência transmitida de pessoa a pessoa seria então o “material” do narrador e as narrativas seriam “fazedoras e reveladoras do mundo”. Isto implica a percepção de que histórias nunca são neutras e demandam, assim, sobre elas, um olhar crítico.

Referido autor propõe a existência de dois tipos de narradores: o narrador que vem de longe e com ele traz histórias de realidades longínquas, caracterizado na figura do marinheiro comerciante, e o narrador que vive sem sair de seu país e conhece bem a tradição de seu meio, que seria tipificado no camponês sedentário.

Ademais, defende em seu texto a ideia de que a arte de narrar histórias está em vias de extinção. Ao pressupor o fim das narrativas, ele se refere a certas formas de histórias que envolvem a recordação de tradições ancestrais, passadas de geração em geração. Neste sentido, destaca, ainda, dois fatores que contribuíram para o padecimento da narrativa: o romance e a informação. O surgimento do romance no período moderno foi o primeiro indício de que a narrativa estava ameaçada. O romance livresco não procede da tradição oral nem a estimula, a leitura deste é associada a um leitor isolado, limitado às trocas de experiências que são a base das narrativas.

A informação, por sua vez, é um novo tipo de comunicação que eclodiu após a consolidação da burguesia e o surgimento da imprensa. Para o autor, a informação é ainda mais ameaçadora às narrativas e provocou uma crise no próprio romance. Diferentemente da narrativa, cujo saber vinha de longe, caracterizado na figura do narrador marinheiro viajante ou extraída de tradições, contadas por um camponês sedentário, a informação diz respeito ao instante, ela é valorizada enquanto novidade e aspira uma verificação imediata.

Assim sendo, o saber “de longe”, metaforizado na figura do narrador marinheiro, passou a encontrar menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos, ainda que mais banais. Isto levou a Villemessant, fundador do jornal francês *Figaro*, afirmar

que um incêndio no *Quartier Latin*, em Paris, seria mais importante, para seus leitores, que uma revolução em Madri. (Kearney, 2012)

A leitura de histórias motiva o leitor a se colocar no lugar do personagem, o que Kearney (2012) vai chamar de compaixão narrativa. É esse tipo de empatia que, segundo o autor, nos faz até mesmo imaginar e sentir os sofrimentos pelos quais passaram os mais diversos personagens como, por exemplo, Anna Karenina, uma russa apaixonada no século XIX, personagem do livro de Liev Tolstói. A compaixão narrativa nos posiciona como seres empáticos e nos humaniza. “Se possuímos compaixão narrativa – nos deixando ver o mundo do ponto de vista do outro – somos incapazes de matar. Se não a possuímos, somos incapazes de amar” (Kearney, 2012, p. 419). Acreditamos que tal compaixão narrativa sofrerá modificações substanciais na Era Digital, transformando-se em cobiça de outros modos de ser. Com efeito, o constante olhar sobre a vida do outro, não raro, incita àquele que a observa o desejo de ter a vida do outro. Uma vez que a exibição de uma vida plena e realizada se torna o cerne das publicações nas redes sociais, fortalecida pelo número de “curtidas” e comentários, à vista de quem a consome tal vida se torna objeto de cobiça, o que ultrapassa a mera empatia objeto da compaixão narrativa.

Em tempos de digitalização das diversas esferas da vida, surgem novos tipos de narrativas. “As escritas digitais ganham força no século XX, despertando novos olhares, novas leituras, novas discussões sobre os testemunhos efêmeros” (Simões, 2014, p. 220). Entrou em cena então um novo tipo de narrador: o internauta que compartilha sua vida nas redes sociais virtuais e que, paradoxalmente, aproxima-se e diverge dos narradores apresentados por Benjamin.

Os novos narradores estão conectados o tempo inteiro e tem acesso ao mundo todo. Assim, suas falas podem ser levadas a lugares longínquos, tais como o narrador marinheiro o fazia. Por outro lado, o narrador atual não demonstra grandes atividades reflexivas; eles não contam tradições e aprendizados de seus ancestrais, simplesmente narram suas vidas no instante em que elas se passam. Suas narrativas se assemelham, assim, com a informação, que só tem valor enquanto nova e ao expor vidas alheias.

Este novo narrador dá início à espetacularização da intimidade na web. As narrativas na internet divergem das analisadas por Benjamin. Agora, “tal como sujeito fragmentado, as narrativas são curtas, variáveis, plurais, dissonantes, indefiníveis” (Oliveira, 2014, p.112). A efemeridade também se faz presente, não se trata mais de narrativas memoráveis ou grandes reflexões sobre si mesmo ou sobre o mundo. O que

importa nas redes sociais é a instantaneidade, a capacidade de relatar e compartilhar tudo em tempo real. Isto ecoa nas narrativas aí encontradas, que agora se resumem ao compartilhamento de vivências das mais irrelevantes possíveis. Não há mais o desnudar da alma e a exposição das reflexões íntimas, mas sim um desnudar-se e uma exposição do cotidiano. É por meio do relato de experiências somado a imagens rotineiras que se constrói esse novo narrador. Os narradores benjaminianos, os marinheiros e camponeses, entram, aos poucos, em declínio. Surgem em cena, agora, os internautas.

É preciso sublinhar que o “simples fato de que as formas narrativas sofram mutações de uma época para a outra não significa que elas desapareçam. Elas apenas mudam de *nome e endereço*” (Kearney, 2012, p. 411). Ou seja, não é decretado o fim definitivo da narrativa, pois “não importa o quanto nosso mundo se torne ciber, digital ou galáctico, sempre haverá *eus* humanos a recitar e receber histórias” (Kearney, 2012, p.427). O que se modifica é apenas a maneira de narrar. Conclui-se então que “assim como não existe um *eu* fixo e inquestionável na história da humanidade, a escrita de si também se desenvolve nessa escala de movência de tempos e espaços” (Lima & Santos, 2014, p. 133). As narrativas mudaram assim de endereço, não se limitaram mais à tradição oral nem aos livros, elas ressurgem agora como narrativas de si na Web e são categorizadas como relatos autobiográficos.

## NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Os avanços da Web trouxeram consigo a proliferação de narrativas que querem ser ouvidas e vistas. “O cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e falamos, pelas formas como contamos as histórias vividas” (Simões, 2014, p.211) e agora elas ganham espaço definitivo nas redes sociais virtuais.

Esses relatos de si que se fazem cada vez mais presentes no meio virtual se configuram como textos autobiográficos. Trata-se aqui de um narrar alterdirigido pois é ao olhar do outro que se direciona e não à reflexão de si para se auto fazer, para se construir. Ou seja, não prevalece nesse tipo de escrita a atividade autopoietica que convida os seres humanos a “debruçarem-se sobre si, num movimento reflexivo que os tornam simultaneamente sujeitos e objetos das próprias reflexões” (Souza, 2014, p. 199). As novas tecnologias de comunicação desenvolvidas na Era da Web possibilitaram a emergência de novos tipos de narrativas. Bilhões de histórias de vida são acessadas e acompanhadas diariamente por

plataformas digitais como *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros. As redes sociais viabilizaram o início de uma era de supercompartilhamento onde pessoas reproduzem suas histórias online, publicam fotos pessoais, se exibem, produzem e partilham os mais diversos conteúdos.

“Cada vez mais as vidas ordinárias e privadas tornam-se alvo do interesse público, diminuindo – ou alargando, a depender do ponto de vista – e confundindo suas distâncias” (Oliveira, 2014, p.109). Inicia-se um novo tempo histórico, onde os usuários dessas ferramentas deixaram de ser meros espectadores ou leitores e passam a produzir e compartilhar seus próprios conteúdos na Web, passando assim a potenciais produtores de conteúdo. “Definitivamente, houve uma inversão da lógica entre espectador e produtores de conteúdo. Hoje o público produz suas histórias” (Worcmán, 2014, p. 151).

Os holofotes, então, redirecionam seu foco. Enquanto “a sociedade do espetáculo era centrada nas estrelas midiáticas do cinema e da canção; a do hiperespetáculo é contemporânea de uma espécie de estrelização generalizada que se aplica a todas as atividades” (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 269). A vida dos outros passa assim a ser assistida, consumida. Esta mudança de foco revela um anseio quase generalizado de consumir a intimidade alheia e de expor a sua própria. Tal como se fazia com artistas de filmes e novelas, “pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas suas peripécias registradas por seu protagonista enquanto vão ocorrendo” (Sibília, 2008, p.70). As redes sociais se tornaram uma maneira de sair do anonimato, do invisível, do silenciamento.

Por meio dos relatos cotidianos compartilhados na Web todos são potenciais artistas através de uma “ficcionalização do real”. Assim, todos podem ser “estrelas” de suas próprias vidas, assistidas por atrás das telas de computadores e *smartphones* (Sibília, 2008).

O narrar a si na internet nos conduz a um novo tempo onde as barreiras do público e do privado estão progressivamente mais tênues, dado que, cada vez mais, absolutamente tudo passa a ser exposto. O que pode, inclusive, conduzir algumas pessoas a pensarem que em breve “o mundo se reduzirá a uma versão de aldeia pré-moderna – um dormitório universal no qual todos saberão tudo sobre nossos atos mais insignificantes, escondidos ou – temo – imaginários” (Keen, 2012, p.59).

Essa é nova narrativa que atinge pessoas do mundo todo, e coloca a todos nessa “aldeia global”, modificando o conceito de grupo e território. Não é preciso ter intimidade com os outros internautas para



expor a própria vida, não é necessário mais estar geograficamente perto para se fazer presente (Worcmán, 2014). Essas mudanças nos conduzem ao questionamento das possíveis motivações que levam um indivíduo a compartilhar sua história na Web. Quais vínculos sociais e afetivos são construídos nessa partilha? Como os sujeitos se afetam a partir dos relatos compartilhados? Qual o poder de alcance das narrativas mediadas pelo computador? Essas são questões primordiais que nos incitam à reflexão.

Existem diferentes possibilidades que justificam as narrativas de si na Web. As escritas de si em redes sociais emergem por diversos fatores, entre esses, destaca-se a “necessidade dos seres humanos de permanecerem juntos, conectados, criando, co-criando saberes na medida em que estabelecem novas formas de sociabilidade” (Oswald; Couto Junior & Worcmán, 2014, p. 16). A ânsia de sentimento de pertença a um grupo, assim como a manutenção de vínculos com pessoas distantes, entre outros fatores, também justificam a adesão em massa às redes sociais, o que nos conduziu a um verdadeiro “festival de vidas privadas”, vidas sempre expostas e sedentas dos olhares alheios.

Em meio à naturalização da exposição de si na Web, não causa estranhamento, por exemplo, que Gabriela Pugliesi, uma das *Instabloggers* (blogueira de Instagram) mais famosas do Brasil, com mais de dois milhões e meio de seguidores, registre na data atual (abril de 2017) a frase “welcome to my life”, na descrição de seu perfil no *Instagram*. Somos convidados - ou o termo mais adequado seria “convocados”? - a adentrar na vida uns dos outros através das redes sociais, onde

todos os dias, bilhões de indivíduos reportam sem cessar toda sorte de dados sobre si mesmos, inclusive textos e imagens pessoais capazes de identifica-los, além de ficarem a par de informação referidas a quantidades crescentes de gente interconectada. A maioria costuma aderir a tais práticas com prazer, cumprindo rituais de cotidiana devoção (Sibilia, 2015, p. 64).

A escrita na internet é colaborativa, há uma interação direta com o leitor que curte, comenta, compartilha e critica, tudo em tempo real. O *feedback* é imediato e inicia um processo dialógico que pode até mesmo “redundar na alteração do texto inicial, colocando em xeque sua autoria” (Oliveira, 2014, p.107). O ciberespaço se torna então um lugar de palavras construídas em conjunto, um lugar de produção coletiva, apesar da revelação de conteúdos

extremamente pessoais. Essa escrita na Web, além de coletiva, é marcada por fortes traços de oralidade e por um vocabulário próprio. Essa conversação em rede proporciona trocas e contempla a necessidade dos seres humanos de sociabilidade. As subjetividades são alteradas a partir dessas trocas escritas que tocam tanto o autor como o interlocutor. Formam-se, assim, identidades online que podem se atualizar e reformular o tempo inteiro.

Neste contexto, os antigos diários mudaram, deixaram de ser íntimos para ser alterdirigidos. A confissão também se modificou, agora é feita por livre vontade de bilhões de pessoas que confessam suas rotinas nas redes sociais. É notável que a maneira de se comunicar se transformou e com ela a maneira de ser e de escrever, haja vista o uso de novas tecnologias. Estas, por sua vez, “terão cada vez mais influência sobre os modos de inteligência, sobre a gestão do espaço e do tempo e sobre a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros” (Simões, 2014, p.211).

Hoje é costumeiro nos depararmos em livrarias com prateleiras repletas de autobiografias. No entanto, as primeiras publicações autobiográficas não foram bem aceitas. Em 1900 Joaquim Nabuco publicou um livro de suas memórias intitulado *Minha Formação* e não obteve uma boa recepção do público. Nesta época, não era de bom tom escrever tanto sobre si mesmo; “tal gesto se considerava vulgar: na alta sociedade brasileira do século XIX e inícios do século XX, essa construção da imagem de um ‘eu triunfante’ denotava um flagrante atentado ao recato” (Sibilia, 2014, p. 43)

Durante o século XIX a produção de autobiografias foi intensificada. Foi neste período que se estabeleceu uma melhor delimitação entre o público e o privado, havendo assim uma valorização de momentos intimistas e a popularização de quartos privados, que intensificou o recolhimento reflexivo das pessoas, ampliando a produção de autobiografias (Lima & Santos, 2014).

Sendo assim, autobiografias são escritas de si que se propõem a “converter a experiência em palavra, dar forma à experiência através da língua, dar sentido ao vivido a partir de uma narrativa” (Silveira, 2014, p.118). Elas começam a ganhar destaque como “uma escrita mais intimista e reflexiva, podendo ser definida como “uma busca do autor por ‘si mesmo’” (Silveira, 2014, p.118). A escrita de si configura-se como “um espaço de autorrepresentação, no qual o sujeito se posiciona frente a si mesmo, como se estivesse utilizando um espelho para o seu confessor”. (Simões, 2014, p.215).

Considerando-se a perspectiva do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, a “obra” narrada online pode ser considerada pertencente ao gênero

autobiográfico, posto que “se o leitor acredita que o autor, o narrador e personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica” (Sibilia, 2008, p.31). Segundo Oswald; Junior & Worcman (2014) o autor desse gênero confessional contemporâneo busca cessar seu silenciamento e anonimato por meio da Web.

Sendo a atividade biográfica compreendida como todas as operações conscientes ou inconscientes, intencionais ou não, pelas quais os indivíduos se inscrevem no tempo e no espaço de realização de suas experiências, toma-se, aqui, o suporte audiovisual como o meio potencialmente adequado ao registro desses processos de biografização dos sujeitos, em razão dos atributos tecnológicos pelos quais se podem reproduzir e arquivar tanto as formas mais explícitas quanto as mais sutis da expressividade humana. (Souza, 2014, p. 201)

As narrativas publicadas na internet, sejam elas em formato de imagens, textos ou vídeos, instauram uma nova maneira de se comunicar. Surge então uma nova escrita, direcionada aos outros, com traços marcantes de oralidade, quase sempre acompanhada de imagens e passível de ser “curtida” ou difamada instantaneamente. Por meio de relatos e registros imagéticos, estamos formando uma “cultura oral” pré-industrial, na qual todos iremos partilhar cada vez mais informação sobre nossos verdadeiros eus” (Keen, 2012, p. 61).

Após a revolução digital as redes sociais virtuais passaram a constituir um espaço biográfico que permite transitar entre espectador da vida dos outros e protagonistas das próprias vidas assistidas por outros. Esse eu que se apresenta é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem da própria história publicada online. “Os sujeitos destes novos relatos publicados na internet se definem como alguém que é; alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem” (Sibilia, 2008, p.50). Dessa forma, nas narrativas de si contemporâneas se evidenciam os relatos autobiográficos cotidianos e ordinários e não mais aqueles relativos aos “grandes heróis” (Lima & Santos, 2014).

As redes sociais virtuais possibilitam a partilha de relatos, fotos, vídeos e a interação em tempo real com pessoas do mundo todo, o que revolucionou a maneira de se comunicar, de ler e de escrever. Os internautas se tornaram os novos leitores e escritores de relatos autobiográficos. Os amigos virtuais não

apenas leem e veem a vida dos outros, mas lhe é dado o poder de interação, de avaliação do conteúdo exposto, emergindo um novo critério de avaliação com o botão “curtir”. “A escrita na internet, diferentemente daquelas publicadas nos livros impressos, permite aos sujeitos a produção colaborativa de conhecimentos” (Oswald; Couto Junior & Worcman, 2014, p. 14).

As plataformas sociais digitais proporcionam uma proliferação de discursos de si. Não necessariamente discursos com grandes reflexões sobre si, mas relatos de suas vidas cotidianas, de acontecimentos banais e experiências ordinárias. São autobiografias dirigidas aos outros que privilegiam as vivências e não a reflexão. Neste contexto, o que é relatado e arquivado sobre a própria vida é o momento presente, em tempo real, que não é somente escrito, mas fotografado e pode ser minuciosamente exposto.

Esse espaço biográfico online é dialógico por excelência e concilia tanto uma esfera de recolhimento, no sentido que se escreve sobre si, como um direcionamento ao outro, que será o leitor da minha história de vida. Fatalmente esse leitor interfere na escrita. “O autobiógrafo que escreve para ser lido deve lembrar que nenhuma leitura (e escrita) é inocente, que todos os leitores trazem em suas bagagens outras leituras (e experiências) que irão auxiliar a interpretar os textos lidos” (Silveira, 2014, p.120)

Se antes era de mau gosto escrever autobiografias, hoje encontramos com naturalidade biografias de personalidades na lista dos livros mais vendidos do país. Muitos dos relatos autobiográficos encontrados em grande escala nas livrarias nasceram na internet e então migraram para os livros e livrarias. Entre eles, o da ex-blogueira e garota de programa Raquel Pacheco, que adotava o codinome Bruna Surfistinha e a *Youtuber* Kéfera Buchmann que atualmente está entre os livros mais vendidos do país. O ambiente digital tem transformado o trabalho com biografias, como jamais se poderia prever. O sucesso editorial de autobiografias se tornou inquestionável, acarretando em um aumento considerável em seu mercado. (Worcman, 2014).

## **INFLUÊNCIA NOS MODOS DE SER: NARRATIVAS ALTERDIRIGIDAS, PERFORMANCE E NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO.**

O compartilhamento de relatos autobiográficos nas redes levanta diversas questões e nos faz refletir sobre quais modos de subjetivação estão implicados nesse contexto de exposição de si. À medida que as pessoas interagem com a rede, elas vão se reconfigurando, então quais mudanças esse eu, antes

vidido em privacidade sofre ao se tornar público? É possível permanecer 'nós mesmos' quando estamos constantemente sendo olhados? Seria correto afirmar que "sempre nos revelando para a câmera, perdemos a capacidade de permanecer nós mesmos"? (Keen, 2012, p. 198)

A felicidade, na contemporaneidade, aparenta só ser útil e desejável enquanto puder ser espetacularizada e admirada pelo olhar dos outros. Portanto, ser feliz não basta, pois "não se trata tão só de atingir esse estado de ânimo tão desejado; é necessário, também e talvez sobretudo, que essa felicidade seja visível e que os outros possam verificá-la com o poder legitimador de seus olhares". (Sibilia, 2014, p. 42)

Enquanto na pós-modernidade era importante ser autêntico, 'ser você mesmo', na era digital um novo regime inicia: o regime da performance, condicionado ao olhar dos outros, provocando o "deslocamento do eixo em torno ao qual se edifica o que se é: de 'dentro' de si mesmo (*introduzido*) para 'fora' ou para os outros (*alterdirigidos*)" (Sibilia, 2014, p. 46). Como consequência, há uma diminuição da espontaneidade, pois existe o olhar alheio como meta a ser conquistada.

Então, se viver se assemelha a atuar ou encenar, se 'ser alguém' equivale a interpretar um personagem, e se a vida tende a se parecer cada vez mais com uma narrativa midiática, isto ocorre porque costumamos sublinhar nossos gestos e ações 'para aqueles que assistem', retomando as palavras de Richard Schechner. Como se estivéssemos, o tempo todo, fazendo performances. Pois estas são 'comportamentos marcados, emoldurados ou acentuados' (Sibilia, 2014, p. 45)

Levando em consideração que "a cada 'relato breve' publicado na internet, o autor pode variar sua persona e atribuir-se nova idiossincrasia" (Oliveira, 2014, p.109), surge o questionamento se os internautas estariam criando novos personagens sobre si. Se o modo de ser atual é performático, quem o produz é um *performer*, um ser performático. "Na linguagem coloquial dos últimos tempos, quando se diz que alguém é *performático* significa que seus gestos e atos parecem ter sido treinados para impressionar o espectador" (Sibilia, 2014, p. 51). O olhar do outro é condicionante para o *performer* produzir sua ação performática. Essa nova maneira de ser vai constituir comportamentos voltados aos outros e subjetividades voltadas aos outros, ou seja, alterdirigidas.

A estrutura das redes sociais permite que esse eu performático possa se redefinir constantemente. Dia

após dia ele pode "narrar-se de um jeito diferente, alheio a uma subjetividade predefinida" (Oliveira, 2014, p.104). A constância desse eu é o olhar do outro, sendo este condição *sine qua non* para suas performances. Há uma busca desesperada para atrair este olhar, para ser aprovado e curtido por ele.

A submissão constante ao olhar alheio estimula esses modos performáticos de existir e acarreta diversas implicações.

As atuais condições de vida nos levam a fazer isso: calcular, estudar, ensaiar e emoldurar nossos próprios gestos do dia a dia, como se o objetivo fosse enquadrá-los para que o público possa apreciá-los. Não por acaso, o termo *selfie* passou de ser um neologismo desconhecido para se converter na 'palavra do ano' em 2013, segundo o prestigiado dicionário Oxford, e hoje os autos-retratos invadem as telas enredadas pelo mundo afora, sempre à caça da maior quantidade possíveis de 'curtidas' por parte dos cobiçados seguidores ou fãs. (Sibilia, 2014, p. 45).

Neste contexto, as redes sociais permitem a construção de novas subjetividades, que se destacam por suas performances existenciais de felicidade. Os usuários de redes sociais parecem estar sempre felizes e realizados. "Parece estar crescendo, na peculiar atmosfera cultural da sociedade contemporânea, essa sorte de exigência na produção de um gozo *performático* e inesgotável como um horizonte de realização universal". (Sibilia, 2014, p. 42)

A veracidade do eu exposto é outro ponto a ser questionado. Acredita-se que cada um é aquilo que diz e expõe sobre si mesmo. No entanto, as narrativas possibilitam a emergência de um novo eu, que é moldado pelo olhar do leitor. Neste sentido, o verdadeiro eu – o real – se torna eclipsado, forjando-se, por assim dizer, uma nova subjetividade para um personagem de si mesmo, isto é, autoficcional – o virtual. Tais "eus" coexistem, relacionando-se entre si, uma vez que o sujeito contemporâneo se manifesta a partir de suas características plurais e fragmentadas, não guardando semelhança com a construção linear de identidade preconizada por Rousseau, em suas Confissões, obra precursora da autobiografia (Oliveira, 2014)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o compartilhamento de informações trouxe novas configurações às subjetividades que estão reconstruindo o conceito de



intimidade.

Segundo Keen (2012) para muitos o “Penso, logo existo” cartesiano foi substituído pelo “Atualizo, logo existo”, de tal forma que algumas pessoas pouco guardam momentos para serem vividos unicamente na intimidade. Compartilhar as vivências pessoais pode se tornar algo naturalizado na vida de algumas pessoas que passam a não diferenciar mais sua vida privada de sua vida pública online. Para exemplificar, tomamos o exemplo que o autor nos traz de um dos homens mais ricos da China, Wang Gongquan, que publicou em sua rede social um pedido de desculpas porque estava abandonando a esposa e fugindo com sua amante, mesmo se sentindo envergonhado do feito. A repercussão em todo o mundo foi imediata, em 24 horas mais de 60 mil pessoas haviam republicado sua fala na internet.

Também é fato notório que as redes sociais facilitam a comunicação e a vida de bilhões de pessoas. Manifestações políticas, como a Primavera Árabe, foram facilitadas dada a maior possibilidade de comunicação agora proporcionada. Algumas causas como LGBT, direito ao aborto, preconceito racial, entre tantas outras, conseguem ganhar mais visibilidade do que jamais tiveram, possibilitando a derrubada de antigos tabus.

No entanto, se por um lado alguns tabus são debatidos e perdem seu poder por causa das redes, outros são ainda mais reforçados e fazem surgir um novo tipo de constrangimento social: o bullying virtual, que encontra atrás das telas uma multidão intolerante e disposta a difamar e a compartilhar episódios constrangedores e íntimos das vidas de outras pessoas. Como por exemplo, o caso ocorrido em 2010, nos Estados Unidos, na Universidade Estadual Rutgers, onde Dharan Ravi de 18 anos filmou seu colega de quarto, Clementi, tendo relações sexuais com outro homem e disponibilizou o vídeo em redes sociais, o que levou Clementi a se suicidar, mas sem antes postar “pulando da ponte gw, me desculpem”. (Keen, 2012)

Os relatos depositados na rede possuem características aparentemente contraditórias. São relatos efêmeros no sentido que seu valor só vale enquanto novidade. Por outro lado, possuem um lado “eterno” uma vez que, após publicados, podem ser replicadas no ciberespaço infinitas vezes. (Silveira, 2014).

A vida passa então a ser vivida cada vez mais na esfera do público e questões éticas são levantadas. Qual o limite do que deve ser compartilhado? Pessoas compartilham suas intimidades e as dos outros. Pessoas confessam seus feitos nobres e vis na internet.

A delimitação dos limites de até onde se pode expor na rede está em vias de construção. Se antes era

de mau gosto expor a própria intimidade, hoje expõe-se com prazer. Por se tratar de um período de transição, algumas novas realidades ainda causam estranhamento e levantam questões sobre a tênue linha que diferencia compartilhar episódios da vida real e se expor em demasia. Qual o limite de exposição? Até que ponto é considerado aceitável falar de si? Estas são questões cruciais para que, por meio da análise dos discursos e das novas narrativas inauguradas pela Era Digital, possamos entender e interpretar de que modo o homem moderno se porta e se identifica como ser imerso numa nova realidade social.

## REFERÊNCIAS

- Barros Filho, C. D., & Karnal, L. (2016). *Felicidade ou morte*. Campinas, SP: Papyrus 7 mares.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Junior, D. R., & Oswald, M. M. (2014). Cibercultura, juventude e escritas de si: colocando em questão a heteronormatividade. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, & K. Worcman. *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 232). Curitiba: Editora CRV.
- Kearney, R. (2012). Narrativa [Versão Eletrônica]. *Educação & Realidade*, 37(2), 409-438.
- Keen, A. (2012). *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lima, E. G., & Santos, E. M. (2014). Sintomas da escrita contemporânea: o sucesso mercadológico das autobiografias. In M. L. Bastos (Org.), *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 232). Curitiba: Editora CRV.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2015). *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Llosa, M. V. (2013). *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Martins, R. M. (2014). Narrativas (auto)biográficas na formação de educadores: uma experiência em

ambiente virtual. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, & K. Worcman, *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 323). Curitiba: Editora CRV.

Oliveira, B. L. (2014). Blogs: constituição de si e memória do presente - nova forma de labor literário. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, K. Worcman, & R. Moura (Ed.), *Narrativas digitais, memórias e guarda* (1ª ed., p. 232). Curitiba: Editora CRV.

Severiano, M. D. (2001). *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais*. São Paulo: Annablume.

Severiano, M. D., & Etramiana, J. (2006). *Consumo, narcisismo e identidade contemporâneas: uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: EDUERJ - Edit. da Univ. do Est. do Rio - UERJ.

Sibilia, P. (2008). *O show do eu - a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Sibilia, P. (2014). Autenticidade e Performance: a construção de si como personagem visível. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, & K. Worcman, *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 232). Curitiba: Editora CRV.

Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Silveira, B. R. (2014). Blogando doenças crônicas: compartilhando vidas e dores. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, K. Worcman, & R. Moura (Ed.), *Narrativas digitais, memórias e guarda* (1ª ed., p. 232). Curitiba: Editora CRV.

Simões, R. F. (2014). Memórias digitais: escritas sobre a vida escolar em redes sociais. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, & K. Worcman, *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 232). Curitiba: Editora CRV.

Souza, C. P. (2014) *A videobiografia como dispositivo de pesquisa-ação-qualitativa: uma prática educativa com adolescentes abrigados*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Worcman, K. (2014). Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. In M. L. Oswald, D. R. Couto Junior, & K. Worcman, *Narrativas digitais, memórias e guarda* (p. 232). Curitiba: Editor CRV.

RECEBIDO EM: 13/06/2017  
PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 26/07/2017  
VERSÃO FINAL: 31/07/2017  
APROVADO EM: 01/08/2017